



Para a reflexão de nossos educadores
JORNAL DA TARDE

O livro de Merry White, *Desafio Educacional Japonês* (Ed. Brasiliense), é fruto de longas observações e renovado interesse pelo tema. Basta dizer que há 25 anos, quando concluía a sua formação acadêmica, elaborou uma tese sobre o relacionamento entre o aluno japonês e seu professor. De sorte que se pode falar de uma verdadeira empatia entre a autora da

análise e o objeto estudado. Seu esforço está direcionado para compreender o lugar que a criança — e subsequentemente o adolescente e o jovem — ocupa no universo japonês. Seu objetivo ulterior é certamente recolher ensinamentos que possam ser aproveitados pela educação americana. Mas está convencida de que somente colherá tal resultado se buscar uma compreensão isenta de estereótipos, tratando de apresentar a situação concreta, na medida do possível, do próprio ângulo em que se situam os japoneses.

De suas análises Merry White volta convencida de que no Japão a educação é vista como 1º chave do desenvolvimento industrial; 2º suporte da coesão nacional; 3º meio adequado do desenvolvimento pessoal; 4º elemento da construção do caráter moral; 5º instrumento de preservação das tradições e da continuidade cultural; e, 6º) ensejando a criação e a manutenção dos inter-relacionamentos pessoais.

A partir desse contexto é que a autora aborda, sucessivamente, a maneira como a sociedade e a família encaram a criança; o desenvolvimento do sistema educacional japonês; a situação atual e a formação do professorado e

seu papel no conjunto. O livro contém ainda uma descrição minuciosa da vivência escolar das crianças e dos adolescentes, e, finalmente, as perspectivas do sistema educacional japonês. A grande lição de Merry White é de que o contexto cultural é muito diverso do ocidental, de sorte que seria ingênuo supor que se pode transpor o modelo na esperança de alcançar idêntico desempenho. Sem embargo, enfatizando as diferenças, nem por isto deixa de indicar as lições que os americanos poderiam aprender com os japoneses.

O aspecto singular que mais parece haver impressionado Merry White consiste no fato de que "a esmagadora maioria das mães japonesas desiste de suas próprias oportunidades profissionais, durante os anos em que seus filhos estão na escola, para poder ajudá-los com suas lições em casa, ou simplesmente estar por perto quando forem necessárias". A seu ver, tal singularidade assegura desenvolvimento emocional mais harmonioso das crianças, de modo que, na escola, a ênfase não recaia na disciplina, mas no desenvolvimento pessoal. Assim, a família e sobretudo as mães são uma parcela decisiva do que denomina de "opção nacional pelas crianças".

O sistema educacional japonês começou a ser montado na mesma época das grandes reformas introduzidas na chamada Era Meiji — que dura de 1868 a 1912 —, quando termina o sistema feudal e o país se abre ao Ocidente. O Código Fundamental da Educação é de 1872 e embora reflita influências pedagógicas inglesas, alemãs e francesas, estas dizem respeito sobretudo à forma organizacional e ao ensino da ciência, sem interferir na preservação dos valores da cultura japonesa. Em 1880, o Japão já dispunha do mesmo número de escolas primárias existente hoje e, na virada do século, 98% das crianças em idade escolar estavam na escola, percentagem que se mantém em nossos dias. Os analfabetos são menos de 0,7% e embora a obrigatoriedade do ensino seja equiparável à brasileira (nove anos, no caso japonês), praticamente todos os alunos, isto é, cerca de 94% dos que freqüentam o ginásio (nossa atual primeiro grau) passam ao curso colegial (constituído de três séries, como o nosso segundo grau), sendo que 34% o concluem integralmente. A mudança introduzida neste pós-guerra consistiu sobretudo em atribuir à escola o papel primordial na reconstrução do país, devastado pela conflagração bélica.

O ano letivo abrange 240 dias, sendo que cada série tem em torno de mil horas de aula em cada ano, o que dá média de 125 horas/mês. Merry White apresenta os detalhes de seu funcionamento, abrangendo as disciplinas ensinadas.

Vê-se que, externamente, o quadro organizacional não é muito diverso do brasileiro. O que nos falta, entretanto? Parece ser a convicção generalizada de que podemos improvisar o ensino fundamental apenas com algumas declarações bombásticas.

O livro de Merry White deve ser meditado por nossos educadores e por nossa elite. Por mais singular que seja a experiência japonesa, tem esta nota de universalidade: como os demais países desenvolvidos, a preocupação primordial das autoridades educacionais e da própria sociedade é com o ensino para todos. Sem essa base não se pode dar o passo seguinte, isto é, a formação de uma elite capaz de assimilar e desenvolver as modernas tecnologias e sobretudo ter cultura. E mais ainda: a montagem e a consolidação de um tal sistema demandam tempo. Ou nos lançamos de pronto à superação de tão angustiante atraso ou continuaremos debatermo-nos contra os efeitos — ausência de unidade cultural do País; despreparo para a convivência democrática; baixa produtividade; alheamento dos valores da moderna sociedade industrial etc — sem enfrentar a causa verdadeira, que se encontra no descalabro de nosso ensino fundamental.

S

ANTÔNIO PAIM

